



## ESTUDO SOBRE OS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM SUJEITOS AFÁSICOS

**Raíssa Caroline Guastalla de Lima<sup>1</sup>; Ana Paula Vila Labigalini<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A linguagem é uma forma especial de transmissão de informações entre os seres humanos e tem um papel de extrema importância na formulação do pensamento e na forma como imprimimos significado ao mundo ao nosso redor, além de ser responsável pelas interações sociais. Através dela transmitimos nossos desejos, estados emocionais, idéias, por meio de sons, gestos e expressões. A afasia para a abordagem discursiva é uma perturbação da linguagem em que pode ocorrer alteração de mecanismos lingüísticos no seu aspecto produtivo (produção da fala), e interpretativo (compreensão e reconhecimento de sentidos), causada por lesão adquirida no Sistema Nervoso Central, decorrente de acidente vascular cerebral, traumatismo crânio-encefálico ou tumores. Há pouco mais de meio século, um grande número de testes de avaliação foram elaborados, no entanto, sabe-se que o instrumento de avaliação é de extrema importância como processo inicial para um diagnóstico preciso e coerente, e assim propiciar a elaboração de estratégias contextualizadas para o processo terapêutico, por isso, como estudiosos de linguagem, deve-se ter uma postura de reflexão e preocupação com relação à avaliação e o acompanhamento terapêutico da linguagem e centrar no sujeito e não na patologia. Esta pesquisa é voltada para o processo de avaliação e terapia fonoaudiológica, já que fornece informações baseadas em uma abordagem discursiva, que vê o sujeito como um todo, respeitando sua subjetividade, suas potencialidades, além de obter dados indispensáveis de sua história social e cultural. Este trabalho teve por objetivo investigar a eficácia do teste M1-Alpha como procedimento de avaliação da linguagem em sujeitos afásicos. A partir da análise dos resultados obtidos com esse teste, estabeleceu-se um diálogo entre as duas abordagens sobre o uso ou não dos testes para avaliação da linguagem em sujeitos afásicos. Foi aplicado o teste M1-Alpha em seis sujeitos que participam do Grupo de Orientação e Integração dos Afásicos (GOIA), acompanhados de filmagem. Os dados obtidos com a aplicação do teste M1- Alpha foram analisados qualitativamente e comparados com a literatura existente sobre a utilização de testes, o objetivo das provas metalingüísticas destes, os fatores que influenciam nas respostas dos sujeitos, assim como a abordagem discursiva e o funcionamento de linguagem em si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afasia; Abordagem Discursiva; Teste de Avaliação.

### 1 INTRODUÇÃO

A linguagem é uma forma especial de transmissão de informações entre os seres humanos e tem um papel de extrema importância na formulação do pensamento e na forma como imprimimos significado ao mundo ao nosso redor, além de constituir parte dos mecanismos de raciocínio, solução de problemas, e possibilitar uma das maneiras mais eficazes de comunicação entre os homens. Através dela transmitimos nossos desejos, estados emocionais, idéias, através de sons, gestos, expressões e escrita.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq-Cesumar (PIBIC-Cesumar). [raissa\\_carol@hotmail.com](mailto:raissa_carol@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. [anavila@cesumar.br](mailto:anavila@cesumar.br)

Nesse sentido, a linguagem é responsável pelas interações sociais. Segundo Freire (1997), na abordagem social de constituição da linguagem e do sujeito, a interação social é caracterizada como matriz de significação da linguagem. Ainda complementando, a autora afirma que a linguagem só encontra sua unidade e sua significação no processo de interlocução. A subjetividade torna-se, portanto, a capacidade do locutor de colocar-se como sujeito e por conseqüência, assumir seu papel de sujeito na linguagem implica assumir um papel de falante, interlocutor e isso só ocorre na interação, no diálogo com um interlocutor que o considere um “falante” (SANTANA, 2001).

De acordo com Coudry (1988), a afasia é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores. A afasia é em geral acompanhada por alterações de outros processos cognitivos (agnosias, apraxias, etc), e de outros sinais neurológicos (como a hemiparesia, por exemplo). O AVC ocorre em grande parte em razão do estilo de vida do homem na modernidade, quanto à alimentação, obesidade, hipertensão, atividades físicas, sedentarismo. Todos esses fatores serão refletidos em possíveis alterações fonoaudiológicas.

A lesão cerebral não impede que esse corpo fale e escute, ele não sai da linguagem – permanece como corpo-linguagem, mesmo quando não pode falar (LIER-DE-VITTO E FONSECA, 1998). Existem vários meios de comunicação além da fala, como a expressão facial, a linguagem corporal, a escrita, o silêncio, dentre outros. É através da linguagem enquanto ação sobre o outro e o mundo é que se poderá construir a linguagem enquanto objeto pelo qual se pode operar (HAGE, 2004).

Há pouco mais de meio século, um grande número de testes de avaliação foram elaborados, alguns em países de língua inglesa, sendo estes traduzidos para o português, adaptados e aplicados no Brasil. Dentre eles, encontra-se o M1- Alpha, no qual, tem como objetivo, segundo seus autores, “uma rotulação nosológica tão unívoca quanto possível” já que todas as provas mensuram o grau de insucesso e não o de sucesso (SANTANA, 2002). Por isso, é preciso uma avaliação minuciosa e criteriosa, a qual seria o primeiro passo para um diagnóstico preciso e uma elaboração coerente e contextualizada de estratégias para o processo terapêutico.

Sabe-se que o instrumento de avaliação é de extrema importância como processo inicial para a realização de um diagnóstico preciso e coerente, para assim propiciar a elaboração de estratégias contextualizadas para o processo terapêutico.

De acordo com Freire (1997), a linguagem não é um objeto que pode ser contemplado nem compartilhado, a não ser através dela mesma, pelo seu próprio funcionamento, sendo portanto, por meio de práticas discursivas que a prática terapêutica deve instalar-se, na qual o terapeuta tem um papel de interlocutor privilegiado, pois é formado e especializado teoricamente. Essa autora explica que o homem é *atravessado* pela linguagem, e mais do que isso, só é *na* linguagem.

Segundo Coudry (1988), é de extrema importância refletir sobre uma concepção de linguagem que leve em consideração todos os aspectos lingüísticos e discursivos, que ganhe relevância constitutiva no processo dialógico e no uso efetivo da linguagem. Nesta concepção, a língua não é um objeto que se justifique a não ser como resultado de um trabalho coletivo, histórico, cultural e social. A linguagem, por sua vez, não se usa senão em situações concretas e em relação a determinados estados de fato. O que deriva do social, não é a língua enquanto sistema, mas as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem.

Este trabalho teve por objetivo investigar a eficácia do teste M1-Alpha como procedimento de avaliação da linguagem em sujeitos afásicos. A partir da análise dos resultados obtidos com esse teste, estabeleceu-se um diálogo entre as duas abordagens sobre o uso ou não dos testes para avaliação da linguagem em sujeitos afásicos.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Esta pesquisa foi realizada nas dependências da instituição de ensino superior Cesumar. Foram escolhidos seis sujeitos afásicos, com idades entre 35 e 67 anos, três do sexo feminino e três do sexo masculino, que participam do Grupo de Orientação e Integração dos Afásicos (GOIA). A coleta dos dados se deu mediante a aplicação do teste M1-Alpha nos sujeitos nesses sujeitos, acompanhados de filmagem. Todas as avaliações foram realizadas pelo mesmo investigador e tiveram duração de no máximo uma hora. Este teste foi adaptado e traduzido para o português. O teste M1- Alpha, é composto de uma entrevista inicial e 7 provas sendo: compreensão oral; compreensão escrita; cópia de escrita; ditado; leitura em voz alta; repetição; denominação. Os dados foram organizados e dispostos em tabelas conforme a necessidade diante dos mesmos, sendo realizada a descrição de acordo com cada sujeito.

Concomitantemente, foram levantadas citações de autores da literatura nacional, de 1983 até 2007, que relacionaram a utilização de testes para avaliação da linguagem em sujeitos afásicos, em contrapartida com outra prática utilizada na Fonoaudiologia, a abordagem discursiva, a qual abrange em âmbito de avaliação, diagnóstico e terapia destes sujeitos.

Na etapa seguinte, a partir dos autores estudados, para se viabilizar a discussão dos resultados, os dados obtidos com a aplicação do teste M1- Alpha foram analisados qualitativamente e comparados com a literatura existente sobre a utilização de testes, o objetivo das provas metalinguísticas destes, os fatores que influenciam nas respostas dos sujeitos, assim como a abordagem discursiva e o funcionamento de linguagem em si.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Almeida, Ortiz, Oura, Onoda & Araújo (2003), afirmam que a linguagem não pode ser vista como uma atividade isolada e medida unidirecionalmente. Neste dado, torna-se claro e indiscutível essa afirmação, mais uma vez confirmando a idéia de que o teste é uma prática descontextualizada e reducionista, por exemplo, o sujeito F, logo após o término do teste, falou: “- Na hora eu esqueço, rabo!”. No sentido de que na hora do teste que devia falar o nome da palavra, não conseguiu lembrar o nome, devido ao acesso lexical lento, entretanto, mais tarde, quando o teste já havia terminado, o acesso lexical se tornou mais rápido.

Por exemplo, o sujeito An, de acordo com sua história de vida, não tinha hábito de leitura e escrita, fazia utilização de práticas de letramento, por isso, práticas que envolvam a leitura e escrita complexa, tornam-se difíceis para ele. Assim como o sujeito D, o qual também apresenta práticas de letramento é prejudicado em muitas tarefas que exigem um grau de conhecimento e alfabetização maior. Em três provas no próprio teste, Cópia de escrita, Ditado e Leitura em voz alta, é referido que se baseiam e dependem de uma aprendizagem escolar. Além do que, duas destas provas, Cópia de escrita e Ditado pretendem avaliar somente os aspectos motores para a produção das mesmas.

Adicionado a esse ponto, as frases apresentadas no teste estão semanticamente muito distantes das situações vividas ou do cotidiano dos sujeitos. Segundo Ortiz & Santos (2005), a familiaridade com os estímulos pode interferir na compreensão. Como ocorre com o sujeito Ad, na prova Leitura em voz alta, (cf. anexo A, tabela 5), frase 10, /Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada/, a qual o sujeito não identificou a

sílaba tônica da palavra /moinho/, talvez por não conhecer o significado dessa palavra, ou nunca ter visto um moinho, já que não se trata de um objeto atual. Isso resultou em certa dificuldade em sua pronúncia. Produziu inicialmente /mei/ e /moi/, com a sílaba tônica correta, o morfema /i/, já que se trata de uma paroxítone. Entretanto, em seguida, ao tentar produzir a palavra inteira, o sujeito considerou a última sílaba como sendo a tônica /nho/.

De acordo com Jakobson (1969), na teoria de linguagem, desde a Idade Média, acreditava-se que a palavra, fora do contexto, não tem significado. Ainda segundo ele, para o afásico, o contexto constitui fator decisivo e indispensável. Quanto mais seus enunciados dependam do contexto, melhor se haverá ele em sua tarefa verbal. Isto é, quanto mais o enunciado estiver embutido no contexto verbal ou não verbal, maiores serão as probabilidades de serem bem sucedidos pelos sujeitos.

No exato momento em que é solicitado, o acesso lexical mostrou-se lento, no entanto, demonstra saber do que está falando, compreende, se esforça para ser entendido, realiza gestos, portanto, assume seu papel de sujeito na linguagem. Como por exemplo, com o sujeito N, na prova Leitura em voz alta, (cf. anexo F, tabela 5), na palavra /cruz/, apesar de não realizar a leitura da mesma, realizou o gesto de Jesus na cruz. Na palavra /colchão/, realizou o gesto de estar dormindo, por meio de suas mãos direita e esquerda, juntas, e apoiando sua cabeça de lado. Portanto, o sujeito N sabe o que quer falar e esforça-se para isso, apoiando-se nos gestos, os quais são compreendidos pela investigadora.

Segundo Coudry & Possenti (1983, p.105), o teste não considera e não analisa os aspectos alternativos de significação, levando-se a crer que deveria ser realizada uma reflexão acerca dos reais objetivos da avaliação: se seria só o de classificar os erros e acertos e prescrever um diagnóstico, ou se o real objetivo seria de observar os processos discursivos alternativos que os sujeitos passam a utilizar, dependendo da patologia.

Na prova de Compreensão Oral, (cf. anexo D, tabela 2), na palavra /mão/, o sujeito D fez uso de linguagem não verbal, colocou a palma de sua mão sobre a figura correspondente (mão) a fim de indicar que essa era a resposta correta.

#### **4 CONCLUSÃO**

Neste estudo foi constatado que no teste M1- Alpha, as provas enfocavam os aspectos negativos dos sujeitos, ocultando seu potencial, diante de inúmeras provas descontextualizadas, atemporais, não localizadas em um espaço concreto e fragmentadas, que não ofereciam a possibilidade de mostrarem sua subjetividade na linguagem. E ainda, eram impossibilitados de demonstrar qualquer peculiaridade como sujeito, mas ao contrário, o teste visa descobrir e focaliza somente nas falhas ou *déficits* dos sujeitos. Durante todas as provas do teste, através de expressão facial e linguagem gestual, notou-se aparente e uma forte angústia e sofrimento destes sujeitos, que alocados nessa posição, sentiam-se incapazes e desmotivados.

Discutir a linguagem nas afasias implica deparar-se com várias questões. Uma delas seria quanto à forma como a avaliação tem sido abordada, a concepção de linguagem que fundamenta este estudo, e sobretudo, as consequências desta concepção. Portanto, ficou evidenciado que deve-se realizar uma reflexão acerca dos reais objetivos da avaliação, e por consequência dos métodos utilizados, tendo em vista que a avaliação deve ser considerada como um processo multidirecional, e tem como objetivo o de descrever os processos discursivos que foram ou não afetados, assim como os processos discursivos e alternativos de significação que os sujeitos passam a utilizar, dependendo da gravidade e da natureza da lesão.

As classificações são consideradas importantes para a afasiologia tradicional já que colaboram para a definição de um diagnóstico a partir de uma série de sintomas que definem o distúrbio apresentado pelo sujeito. Por hora, um ou o conjunto de sintomas pode até propiciar o diagnóstico fechado do distúrbio apresentado pelo sujeito. Mas, apesar dessas correlações, e de conduzir a um diagnóstico, deve-se advertir para os cuidados ao utilizar esses testes classificatórios, tendo em vista que direciona, talvez, somente ao diagnóstico. O mais importante, que é descobrir os processos envolvidos na construção da linguagem, não é considerado. Os testes buscam encontrar alterações que possam ser classificadas de acordo com uma lista de sintomas já esperados.

Enfatiza-se, portanto, que o avaliador deve estar atento às formas de avaliação utilizadas, assim como as particularidades de cada sujeito. O ponto de partida deve ser, procurar entender a relação de cada sujeito com a linguagem, seja ela, oral, escrita, gestual, através de expressões faciais, ou até mesmo no silêncio. Na avaliação, seu objetivo não é descobrir as dificuldades, os “erros”, as “falhas”, e as “alterações” do sujeito, mas, ao contrário, seu objetivo torna-se, descobrir os processos envolvidos na (re)construção da linguagem, oferecendo possibilidades de o sujeito atuar sobre a língua, através de hipóteses sobre o funcionamento dessa língua(gem), o que é possível, somente, quando é permitido ao sujeito de participar de atividades linguísticas significativas e contextualizadas. Além disso, deve-se ter atenção especial na interpretação dos resultados obtidos com os diferentes tipos de avaliação de afásicos, e sempre procurar adequar a seleção e interpretação dos resultados à realidade linguístico-cultural e social dos sujeitos.

Se a Fonoaudiologia adotar uma concepção social de constituição de linguagem e de sujeito, tal como a abordagem discursiva preconiza, uma nova dimensão da avaliação e conseqüentemente, diagnóstico e processo terapêutico, poderá ser constituída. Importa menos as conseqüências que a afasia provocou no sujeito e mais as conhecer as suas dificuldades para ser possível favorecer alternativas próprias para reelaborá-las.

O sujeito não é um repetidor ou reproduzidor da língua, ele é histórico, social, linguístico, orgânico, psicológico. Considerar a linguagem como um processo discursivo é incorporar, nas análises, as relações entre a fala e a escrita, a intextualidade, a inserção sociocultural desses sujeitos, os conhecimentos partilhados, a história de vida, os efeitos de sentido que se dão durante as atividades avaliativas realizadas, o impacto da afasia na vida de cada um. Privilegiando o sujeito em sua singularidade, em um lugar prioritário em relação à afasia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. S. de; ORTIZ, K. Z.; OURA, M.; ONODA, R. M.; ARAÚJO, A. A. . Afasia: correlações entre as manifestações descritas e o diagnóstico de neuroimagem. *Fono Atual*, São Paulo, v.6, n.25, p.19-28, jul./set., 2003.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_, M.I. H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n 5. Campinas: UNICAMP, 1983.

FREIRE, R. M. *A Linguagem como Processo Terapêutico*. São Paulo: Plexus, 1997.

HAGE, S. R. V. *Avaliando a linguagem na ausência da oralidade: estudos psicolinguísticos*. São Paulo: EDUSC, 2004.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

LIER-DE VITTO, M. F. & FONSECA, S. C. Reformulação ou Resignificação. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 1998.

ORTIZ, K.Z.; SANTOS, A.D. Comparação do desempenho de pacientes afásicos em diferentes testes de compreensão oral. *Fono Atual*, São Paulo, v.33, n.8, p.27-33, jul.-set., 2005.

SANTANA, A. P. *Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, 13(1): 161-174, dez, 2001.

SANTANA, A. P. *Escrita e Afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia*. São Paulo: Plexus, 2002.